



A Espiral de Ervas como dispositivo estético-educacional, inspirando o cultivo urbano e a consciência ambiental.

Fernando M. Cardozo (fernandocardozo8@gmail.com) e Ramiro Bastos

Eixo Temático: Agriculturas Urbana e Periurbana

Apresentação

Fernando Marcelo Cardozo (Chaski), brasileiro, Agricultor Urbano, Ativista sócio-ambiental e Permacultor junto com Ramiro Bastos, argentino, Agricultor, Engenheiro Agrônomo e Permacultor, ambos pela ONG Pachamama.

Contextualização da experiência

O trabalho iniciou-se em 2016, na zona urbana de Aracaju, cujo tipo climático é Megatérmico úmido e sub-úmido com moderada deficiência de chuvas no verão, apresentando temperatura média anual de 26 graus celsius, com período chuvoso entre Março e Agosto. A vegetação é composta por campos limpos e sujos, além de higrófilas (várzeas e mangues), sendo o solo de Mangue, Podsol Areias Quartzozas marinhas, Podzólico vermelho amarelo e Glay pouco úmido.

A atividade inicial foi realizada na Reciclaria Casa de Artes, durante um evento feminista chamado: “**Fluxo Festival**” em 2016. Nossa proposta de construção coletiva de um canteiro de ervas e hortaliças em espiral foi aceita pela organização do evento, por relacionar o cultivo de plantas, com a visão tradicional dos povos andinos em que a terra – Pachamama - é um ser feminino, que nos alimenta e ensina como se relacionar com as plantas, animais e outros elementos da natureza.

Realizamos então uma oficina aberta em que, conduzimos um grupo de 8 pessoas, transmitindo, além de técnicas de cultivo agroecológicas, noções sobre permacultura, bioconstrução e bem viver. Os materiais e insumos utilizados na construção do canteiro foram captados nas imediações do evento e as plantas e sementes cultivadas foram originadas de sementes ou mudas doadas pela Farmácia Viva do Parque da Sementeira.

A inspiração para o uso do formato em espiral vem do cientista australiano Bill Mollison que desenvolveu esta técnica de plantio como ferramenta permacultural e também dos povos andinos (Incas) que há centenas de anos realizavam experimentos de plantio em variação de níveis, gerando micro-climas que favoreciam a seleção e direcionamento de sementes que melhor se adaptavam nestes canteiros.



Desenvolvimento da experiência

Desde então, 50 outros canteiros com 8 ou 10 mudas cada, foram implementados com a participação de pelo menos 500 pessoas - incluindo a participação de crianças, jovens, adultos e idosos de ambos os sexos, em bairros aracajuanos (Treze de Julho, Luzia, Atalaia, Aruana, São José, Inácio Barbosa, Povoado de Areia Branca, Mosqueiro, Aeroporto, Conjunto Beira Mar, Coroa do Meio), assim como nos estados do Paraná, Ceará, Alagoas e Distrito Federal.

Entre os locais onde foram realizados, destacam-se: Universidade Federal do Ceará (Fortaleza), Escola Municipal de Artes Valdice Teles (Aracaju), Jardim Escola Arcanjo Raphael em Aracaju, Integral Bambu (Brasília) Caps Primavera – Centro de Apoio Psico Social de Aracaju e Ecoparque da Mata – Reserva da Biosfera da Mata Atlântica reconhecida pela Unesco. As atividades aconteceram com periodicidade mensal, reunindo estudantes, médicos, psicólogos, ativistas de movimentos sociais, advogados, donas de casa, agricultores rurais, professores, empresários, grupos de idosos e dependentes químicos.

Os grupos que participaram das ações foram mobilizados de diversas formas, por exemplo: Via parceria com Secretaria do Meio Ambiente de Aracaju, atendendo um pedido da Pastoral do Idoso do Mosqueiro; a comunidade acadêmica de Direito da UFCE foi mobilizada através de um convite para um festival de Artes e Direito da Mãe-terra; as famílias das crianças do Jardim Escola Arcanjo Raphael, foram mobilizadas através de convites escritos; o Caps Primavera divulgou internamente entre os assistidos um dia de trabalho na horta; a comunidade da Ecovilla da Mata mobilizou as famílias residentes, através de convite boca-boca para construir uma espiral coletiva. Assim como os princípios agroecológicos ligados a diversidade e sinergia entre “atores”, apreciamos a diversidade de formas de mobilização para desta forma, através de experiências, observarmos as que produzem mais frutos.

Além de espaços privados, os eventos também ocorreram em praças públicas em formato de intervenção urbana, com a intenção de apresentar uma solução criativa às comunidades urbanas que se interessam e nos procuraram através das redes sociais para conduzirmos ações de cultivo; interação social, troca de saberes, trabalho coletivo ou ainda, aspiram tornar mais agradáveis estes espaços, reduzindo a depredação, marginalização ou abandono.

Durante a realização dos eventos, incluímos como elemento-chave a utilização da Arte (Música, Contação de Histórias Indígenas, Palhaços, Dança) como instrumento facilitador da experiência. Constatamos que a transmissão técnica dos saberes ligados ao cultivo, desta forma, gera mais interação e aprendizado para envolver e inspirar públicos como as crianças ou idosos, os quais sentiram-se na maioria das vezes confortáveis para ensinarem a outras pessoas conhecimentos sobre plantas locais cultivadas em pequenos quintais.



Toda logística dos eventos foi co-criada entre os participantes (Condutores/Parceiros), com soluções distintas para a arrecadação de recursos, divulgação e construção dos canteiros. Em alguns casos estes recursos foram obtidos dentro da própria comunidade com reaproveitamento de terra, material orgânico e plantas, em outras ocasiões foram captados em locais próximos aos locais que sediaram o evento com o compartilhamento do custo entre os criadores.

Desafios

A experiência apresentou, desde o início, alguns desafios recorrentes, que puderam ser identificados, facilitando a elaboração de soluções que resolveram completa ou parcialmente as problemáticas a serem apresentadas abaixo. No entanto, algumas dessas soluções requerem desenvolvimento contínuo a médio e longo prazo para apresentarem melhores resultados.

A quebra de paradigmas é um dos desafios mais relevantes. Na sociedade na qual vivemos, a produção de alimentos com Agrotóxicos encontra-se banalizada por conta da automação e percepção dos alimentos apenas como “*commodities*”. Falar sobre cultivo orgânico ou agricultura familiar encontra barreiras, preconceitos e falsas percepções, tais como: 1) trata-se de uma produção “cara”; 2) os males causados ao planeta pelo Agronegócio são pequenos ou irrelevantes, ou que, 3) não é viável produzir em pequena escala.

Outro desafio é a apresentação do formato em espiral, que causa em um primeiro momento um estranhamento estético por parte de alguns participantes, acostumados com a forma linear de cultivo. Constatamos entre estes, que o formato linear parece estar diretamente ligado à noção objetiva de praticidade, transmitida pelo agronegócio como otimização de processos de grande escala e que utilizam maquinários pesados.

Adicionalmente, o trabalho coletivo é algo pouco incentivado dentro do modelo social em que vivemos, no qual é mais comum o incentivo à disputa, ao individualismo e à concorrência por méritos, sobretudo quando os envolvidos diferenciam-se entre classes sociais, profissões, gênero ou etnia. Neste caso a utilização de uma linguagem que atraia e comunique com diversidade foi desafiador.

Obter recursos para a viabilização de cada canteiro está entre os maiores desafios da experiência. Nota-se uma desvalorização do trabalho agrícola e uma resistência por parte das comunidades em buscar alternativas para levantamento coletivo de recursos financeiros ou obtenção destes materiais através do trabalho, resultando em uma sobrecarga de trabalho em poucas pessoas em alguns eventos.

Dentre todos desafios, a observação e manutenção dos canteiros tem se mostrado como a maior dificuldade enfrentada na experiência, uma vez que uma parcela dos participantes não deu continuidade na manutenção. Em diálogos com os participantes, foram relatados como principais motivos para a descontinuidade ao



cultivo: 1) pouco tempo disponível para o cultivo; 2) conhecimento técnico insuficiente; 3) ausência ou insuficiente espaço em suas casas.

À medida que os desafios foram constatados na experiência, desenvolvemos estratégias e objetivos a curto prazo para atuarmos, em melhoria contínua, buscando recursos dentro das comunidades nas quais agimos.

Para quebrar paradigmas envolvendo a visão do alimento como mera mercadoria, a desvalorização do trabalho do agricultor e a falsa percepção de alimento orgânico “caro”, foram realizadas palestras para grupos de estudantes, abordando os seguintes assuntos: 1) a origem do agronegócio, e a indústria da guerra; 2) automação da agricultura para o enriquecimento de poucos; 3) O cuz-cuz que você come é barato? Pra você ou para meio ambiente? No encerramento das palestras, notamos que a maior parte dos grupos estavam muito motivados em criar o canteiro e com outro olhar sobre a importância da agroecologia.

Outras palestras demonstrativas abordaram os formatos curvilíneos e espiralados, que estão presentes em tantos elementos da vida na terra, comprovando que a observação e replicação da sabedoria da natureza em nosso cotidiano, é algo realizado a milhares de anos pela humanidade e tem criado harmonia e sinergia com a natureza. Demonstramos também que as espirais favorecem a formação de microclimas, e o cultivo diversificado com excelente aproveitamento da área de cultivo.

A linguagem artística foi escolhida para nos comunicarmos de forma unificada com a diversidade do público nos eventos, mantendo um momento para contação de histórias e lendas indígenas, cantos com a temática da natureza, apresentação do palhaço Manjeriçã, personagem criado dentro de uma das oficinas, danças e brincadeiras que tiraram risos e alegria de muitos participantes. Notamos que dentre as linguagens utilizadas - técnica, objetiva, explicativa, acadêmica, artística etc... - a artística foi a que atingiu melhor os participantes, gerando envolvimento e união.

Para o levantamento de recursos, utilizamos estratégias diversificadas a fim de descobrir caminhos distintos para manter a proposta viável. Em alguns casos, como no Integral Bambu em Brasília - DF, coletamos dentro da própria comunidade, bambus, terra e plantas, em outros casos, rateamos o custo total entre os moradores de um condomínio. Conseguimos também recursos públicos da Funcaju – Fundação Cultural de Aracaju, Sema – Secretaria do Meio Ambiente de Aracaju e Universidade Federal do Ceará. A iniciativa privada também contribuiu com a doação financeira de empresários simpatizantes da proposta.

Quanto aos participantes que não deram continuidade a manutenção e o cultivo das espirais, foram realizadas entrevistas para identificar os principais motivos e já estamos agindo para aumentar o engajamento das pessoas na manutenção, dentre as quais podem ser citadas: 1) a realização de 2 cursos intensivos de Agricultura Urbana em Aracaju (Agosto e Setembro), com a intenção de melhorar o embasamento dos envolvidos no projeto; 2) a abertura de um canal de comunicação via telefone e internet para que lideranças das comunidades que acolheram as ações, recebam



atendimento e consultoria gratuitamente sobre a manutenção, das hortas, gestão de recursos e de pessoas.

Principais resultados alcançados

Aproximadamente 450 pessoas tiveram um primeiro contato ou aprofundaram seus conhecimentos sobre o estudo e aplicação da Agroecologia em ambiente urbano - um pequeno passo na direção da popularização deste conhecimento nas cidades.

Foi atingido o objetivo inicial de realizar a oficina para diferentes faixas etárias e em diferentes locais: **Crianças** (Jardim de Infância (Arcanjo Raphael) no bairro de Areia Branca,) **Adultos** (Campus da Universidade Federal do Ceará em Fortaleza); e **Idosos** (Pastoral da Pessoa Idosa do Mosqueiro em Aracaju), totalizando cerca de 55 participantes nestas ações.

Foram plantadas aproximadamente 350 mudas de ervas aromáticas e hortaliças, que estão sendo utilizadas como temperos ou chás, de acordo com a demanda local. Esta ação tem incentivado a produção em pequena escala e sobretudo estimulado a aprendizagem sobre o cultivo permanente dos canteiros.

A divulgação do trabalho em rede estadual, no programa televisivo “Sergipe Rural” da Fundação Aperipê, Rádio e Internet, levou para a casa de milhares de pessoas a proposta Agroecológica que foi trabalhada em uma escola.

Disseminação da experiência

Notamos que meses depois da primeira espiral construída pelo projeto, surgiram iniciativas de outros grupos que nos procuraram, via redes sociais nas cidades de Aracaju, Brasília, Córdoba na Argentina, Pelotas-RS e Fortaleza, que intencionaram ou realizaram a construção de outras espirais, incentivando a continuarmos com os trabalhos e as divulgações.

Entre os eventos realizados por outros grupos e inspirados em nosso projeto, os grupos notaram que existe uma demanda retraída de pessoas nas cidades, que almejam um espaço coletivo público ou privado para o cultivo de plantas, encontros entre grupos com afinidades ecológicas ou de convívio e também de pessoas que querem aprender a produzir seu próprio alimento. Recomendamos e incentivamos a outros grupos/coletivos a utilização do canteiro em espiral como dispositivo educacional para impulsionar a popularização da Agroecologia, Permacultura e Troca de Saberes e sugerimos que os trabalhos propostos por estas organizações utilizem de forma complementar, Arte, Ciência e Cultura para que atinjam um maior número de pessoas pelo território nacional.

Sobretudo sugerimos que a palavra Pachamama (Mãe-Terra para os povos andinos) seja percebida e compreendida por estes grupos como elemento chave na percepção da vida através de um novo paradigma Eco-centrico, onde o planeta é

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia

Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte nos
Sistemas Agroalimentares

UFS

4 a 7 de
agosto
2019



considerado o ser central, feminino e maternal como sugere a Dra. Germana de Oliveira Moraes, representante da ONG Pachamama, na mesa de diálogos Harmony With Nature das Nações Unidas e autora do livro: Harmonia com a Natureza e Direitos de Pachamama, publicado em novembro de 2018 pela: Edições UFC.